
A alegria na obra de Anselmo de Aosta*

Manuel Vasconcelos**

Resumo: Anselmo conclui, em sua obra, uma reflexão na qual busca, através do encadeamento lógico da razão, fazendo uso da mais rigorosa discussão dialética, dar razões daquilo que ama e em que acredita. Não raras vezes, oferece ao leitor pequenas “pausas argumentativas”, nas quais não omite que os frutos do seu esforço causam genuína alegria. No Monologion VI, 19, 15 – 20, por exemplo, ao verificar a conformidade do objeto da fé com o rigor dialético, Anselmo expressa seu júbilo pelos resultados obtidos e a alegria se torna incentivo para prosseguir no esforço “sola ratiōne”. No Proemium do Proslogion (93, 30 – 994, 2), o autor declara ter decidido colocar, por escrito, os mesmos resultados, a fim de proporcionar alegria aos eventuais leitores. Não se deve esquecer de que o Proslogion – especialmente seu “argumento único” – lhe proporcionou um sentimento de grande satisfação, como ele mesmo revela (cf. Proemium, 93, 16 – 19). Tal sentimento é atestado por Eadmero, seu biógrafo, ao fazer referência às grandes dificuldades enfrentadas pelo autor à procura do “argumento único” e, por fim, a grande alegria proporcionada pelo encontro (cf. Vita Sancti Anselmi I, 19). Nosso estudo pretende, pois, divisar melhor esta relação entre rigor argumentativo e alegria, presentes no pensamento anselmiano.

Palavras-chave: Anselmo; Proslogion; alegria

Anselmo de Aosta (1033 – 1109) é um pensador que bem pode ser caracterizado pelo minucioso cuidado dedicado à sua obra. Sua reflexão sempre busca, através de um firme e rigoroso encadeamento racional, fazer uso da dialética a fim de dar as razões daquilo que é objeto de sua crença e de seu amor. Apesar do rigor dialético, Anselmo não deixa de oferecer a seu leitor oportunidades para que perceba como ele está avaliando os frutos de seu procedimento marcadamente lógico. Trata-se do que poderíamos chamar de alguns “interlúdios” ou, mais precisamente, pausas argumentativas, onde o rigoroso filósofo deixa entrever de que modo o monge cristão está saboreando os frutos da reflexão. Não que haja em Anselmo uma dicotomia entre o cristão e o filósofo.

* Texto apresentado no X Congresso Latino-Americano de Filosofia Medieval, realizado na Pontifícia Universidade Católica em Santiago do Chile entre os dias 19 e 22 de abril de 2005.

** Universidade Federal de Pelotas

Muito pelo contrário. Seu pensamento não pode ser desvinculado de sua realidade de fé, o que não significa que o autor não seja capaz de proceder com um método exclusivamente dialético.

Um claro exemplo de uma pausa argumentativa pode ser encontrado, por exemplo, no sexto capítulo do *Monologion*. De fato, após ter mostrado *sola ratione* que existe algo que é sumamente bom, grande e superior a tudo o mais e que tal natureza suprema existe por si e é a causa da existência de tudo o que não é ela, o autor deseja avançar ainda mais, além de responder a eventuais objeções. Anselmo revela, contudo, que há um sentimento que o está motivando a prosseguir no seu notável esforço dialético. Tal sentimento é a *alegria*. Assim se expressa o autor¹:

Com efeito, como esta meditação me levou a uma grande e prazerosa alegria, não devo negligenciar nenhuma objeção, ainda que simples e fátua, que se me apresente ao longo da discussão. Assim, afastando toda dificuldade, por pequena que seja, avançarei com maior segurança nas sucessivas argumentações, caso precise persuadir alguém como está no meu propósito, acerca do que estou discutindo, e qualquer inteligência, embora pouco perspicaz, poderá assim penetrar com facilidade as coisas que ouve expor².

Ora, como pudemos ver, o autor mostra que os resultados oriundos de seu trabalho racional, lhe pareciam bastante interessantes a ponto de proporcionarem um sentimento de grande alegria. É precisamente esta alegria que gostaríamos de examinar na obra de Anselmo. A passagem que referimos do *Monologion* é bastante elucidativa, mas não é a única onde o autor faz menção a tal sentimento. Se olharmos o *Proslogion*, vamos também aí encontrar manifestações interessantes. Já no seu esclarecedor

¹ Ao longo do artigo, sempre que aparecerem citações das obras de Anselmo, procederemos da seguinte maneira: no corpo do texto, a citação em português e, em nota de rodapé, o texto em latim, conforme a edição crítica de F.S. Schmitt, publicada por Thomas Neslon et Filios, Edimburgo, 1946 e reproduzida em *L'Oeuvre d'Anselme de Cantorbéry*, Paris, Cerf, 1986ss, sob a direção de Michel Corbin. Quanto à tradução, seguiremos, no caso do *Monologion* e do *Proslogion* a edição publicada na Coleção "Os Pensadores" vl. VII, (São Paulo: Abril Cultural, 1973), cuja tradução foi feita por Ângelo Ricci.

² "Quoniam nanque ad magnum et delectabile quiddam me subito perduxit haec mea meditatio, nullam vel simplicem paeneque fatuam obiectionem disputanti mihi occurrentem negligendo volo praeterire. Quatenus et ego nihil ambiguum in praecedentibus relinquens certior valeam ad sequentia procedere, et si cui forte quod speculor persuadere voluero, omni vel modico remoto obstaculo quilibet tardus intellectus ad audita facile possit accedere" Mon. VI, 19, 14 – 20.

Proêmio – como são sempre esclarecedores os proêmios anselmianos – o autor declara que decidiu colocar por escrito os resultados de sua investigação, a fim de que os eventuais leitores pudessem se alegrar com o que fora alcançado³. É oportuno lembrar que o opúsculo como um todo, mas especialmente seu “argumento único”, proporcionou ao autor um sentimento de grande satisfação. Não há dúvida de que a alegria que quer comunicar a seus leitores é aquela que ele mesmo encontrou. Um tal sentimento é bem atestado pelo biógrafo de Anselmo Eadmero, quando alude às grandes dificuldades enfrentadas pelo autor à procura do “argumento único”. Relata o biógrafo que, enfim, Anselmo encontra o que buscava e isto lhe causou grande alegria⁴.

É interessante verificar o que é mesmo esta alegria que, vez por outra, transparece no discurso anselmiano. Num primeiro momento pode parecer que o sentimento relatado pelo autor seja uma espécie de “satisfação intelectual”, decorrente da condução exitosa do procedimento racional ou um tipo de manifestação subjetiva, que transparece em meio à concatenação argumentativa. Quer parecer-nos que se trata também disso, mas a alegria anselmiana vai bem mais além. A chave para entendê-la parece estar no *Proslogion* mesmo, mais precisamente nos seus capítulos finais. Vamos, pois, nos deter nos três capítulos conclusivos da obra. De fato, nos capítulos XXIV a XXVI Anselmo, sem recuar do plano especulativo que guiou sua reflexão, não deixa de abrir um espaço que até poderíamos chamar de “poético” para usar a expressão referida por Yves Cattin⁵, uma vez que nesta conclusão do opúsculo, Anselmo quer proporcionar a seu leitor bem mais do que uma compreensão apenas racional daquilo que foi buscado em todo o percurso argumentativo do *Proslogion*. Ressalte-se, contudo, que o que aí é dito não pode, de modo algum, ser dissociado do conteúdo argumentativo presente em todo o *Proslogion*.

Parece-nos oportuno salientar que nestes capítulos finais do *Proslogion*, o monge de Bec revela-se um autêntico discípulo do Bispo de Hipona. De fato, em torno do tema da alegria, Anselmo

³ “Aestimans igitur quod me gaudebam invenisse, si scriptum esset, alicui legenti placitum: de hoc ipso et de quibusdam aliis sub persona conantis erigere mentem suam ad contemplandum deum et quaerentis intelligere quod credit, subditum scripsi opusculum” Prosl. Prooemium 93, 20 – 94, 2.

⁴ Cf. Eadmero. Vita Sancti Anselmi I, 19.

⁵ "Ici cependant le sujet est traité par Anselme d'une manière plus poétique que dogmatique, car il n'a pas pour but de faire ici un traité 'de Novissimis', mais il cherche à faire 'saisir' l'importance essentielle de l'objet cherché tout au long du *Proslogion*". Yves Cattin. La Preuve de Dieu, p. 54.

dirige-se, nestes capítulos, a Deus e a alma, os temas fundamentais do filosofar agostiniano.

Já, no breve capítulo XXIV, Anselmo dirige-se à alma, como já o fizera anteriormente, no importante capítulo XIV⁶ de que voltaremos a falar. Agora, aproximando-se do final da obra, o autor convida a alma a que se eleve, com todas as suas forças ao Bem Supremo que é a causa da alegria de todo outro bem. Demonstrando uma atitude de satisfação para com a vida Anselmo lança uma pergunta que sintetiza o capítulo: “*Se a vida criada já é uma alegria, quão agradável não será a vida criadora*”⁷? No capítulo seguinte, o vigésimo-quinto - o segundo mais longo do *Proslogion*, inferior apenas à prece que constitui o primeiro capítulo - o autor pergunta sobre o que estará reservado àquele que vai fruir do Bem Supremo que é Deus. Certamente, responde Anselmo, gozará dos bens do corpo e da alma. Basta, pois, que o homem não procure, inutilmente, por bens menores, mas que conduza sua busca em direção ao único bem que sendo por si – enquanto todos os outros são bens *per aliud*, - em sua suma simplicidade, contém todos os outros bens.

Que bens seriam esses que estão todos contidos no Sumo Bem? Anselmo fornece um elenco deles. Apresenta sete bens do corpo e sete bens da alma. Não seria possível, neste momento, analisar cada um desses bens⁸, mas vamos, ao menos, referi-los. Os bens corporais por ele elencados são⁹: a beleza (*pulchritudo*), a velocidade, força ou liberdade corporal (*velocitas aut fortitudo, aut libertas corporis*), a vida longa (*longa et salubris vita*), a saciedade (*satietas*), a ebriedade (*ebrietas*), a música (*melodia*) e o prazer puro (*munda voluptas*). Saliente-se que Anselmo não despreza os bens corporais, entendendo, mesmo que eles, de alguma forma, já antecipam a alegria plena que só poderá ser vivenciada no futuro, pelos bem-aventurados. O mesmo se dá com os sete bens da alma apontados por Anselmo que são, por sua vez, os seguintes¹⁰: a sapiência (*sapientia*), a amizade (*amicitia*), a concórdia (*concordia*), o poder (*potestas*), a honra (*honor*), a riqueza

⁶ “An invenisti, anima meã, quod quaerebas?” Prosl. XIV, 111, 8.

⁷ “Si enim bona est vita creata: quam bona est vita creatrix?” Prosl. XXIV, 118, 3 – 4.

⁸ Uma análise um pouco mais detalhada dos bens do corpo e da alma apresentados por Anselmo no capítulo XXV do *Proslogion* pode ser encontrada na obra de Paul Gilbert “Lê *Proslogion* de S. Anselme – silence de Dieu et joie de l’homme”, obra onde o comentador nota uma inspiração agostiniana neste elenco de bens: “A cette succession intériorisante des biens du corps succédera une description des biens de l’âme qui conduira plus haut. Lê plan suivi est donc d’inspiration augustinienne, allant de l’extérieur à l’intérieur, puis de l’inférieur au supérieur”. Paul Gilbert, op.cit, p.227.

⁹ Cf. *Proslogion* XXV, 118, 20 – 119, 3.

¹⁰ Cf. *Proslogion* XXV, 119, 4 – 19.

(*divitiae*) e a verdadeira segurança (*vera securitas*). Apresentados os bens, pode Anselmo concluir fazendo eco a Agostinho¹¹, pois também para o monge de Bec o inquieto coração humano só encontra repouso em Deus. Por isso, diz::

Oh! Como há de ser grande e agradável essa alegria, lá onde se encontra tão grande Bem! Ó coração humano, ó coração pobre, atribulado, inquieto, como há de sentir-te feliz se possuíres, em abundância, desses bens! Sonda o teu âmago, para ver se cabe nele a alegria de tanta felicidade¹².

Como vemos, Anselmo preocupa-se, de algum modo, com a *dimensão* de uma tão grande alegria. Será que o inquieto coração¹³ humano pode dar conta de um tão grande bem? A preocupação justifica-se, ainda mais, tendo em vista que esta alegria “dobrará”, diz o autor, na medida em que for compartilhada com um outro irmão e, se muitos compartilharem da mesma alegria todos desfrutarão intensamente da sua própria alegria e da alegria dos outros¹⁴. Numa tal perfeita felicidade, cada um amarà a Deus infinitamente mais do que aos outros e mais do que a si mesmo, de modo que “*cada um desfrutará mais e, sem comparação, da felicidade de Deus do que da sua própria e daquela dos outros*”¹⁵.

Anselmo conclui o capítulo vigésimo-quinto do *Proslogion* de uma forma extremamente interessante. Apoiado nas Escrituras¹⁶, o autor não duvida que os justos amarão a Deus com todo o seu coração, sua mente e sua alma, todavia, reconhece que o coração, a mente e alma humanas não são, por assim dizer, suficientes para receber um tão grande amor. De qualquer modo, os homens poderão ser felizes, ainda que sem a capacidade apropriada à plenitude de uma tão grande felicidade.

Podemos perceber neste penúltimo capítulo do *Proslogion* algo que é muito próprio deste opúsculo anselmiano: é o que Paul Gilbert denomina uma dialética entre uma continuidade e uma

¹¹ Cf. Agostinho. Confissões I, I, 1.

¹² “Gaudium vero quale aut quantum est, ubi tale ac tantum bonum est? Cor humanum, cor idigens, cor expertum aerumnas immo obrutum aerumnis: quantum gauderes, si his omnibus abundares? Interroga intima tua, si capere possint gaudium suum de tanta beatitudine sua”. *Proslogion* XXV, 120, 1 – 4.

¹³ “Coração” mencionado por Anselmo neste capítulo deve ser entendido como a sede das paixões e emoções humanas. A este respeito cf. as anotações de Ítalo Sciuto ao *Proslogion* de Anselmo (Milano: Rusconi Libri, 1996), nota 173, pp. 231-2.

¹⁴ Cf. *Proslogion* XXV, 120, 6 – 12.

¹⁵ “...unusquisque plus amabit sine comparatione deum quam se et omnes alios secum, ita plus gaudebit absque existimatione de felicitate dei quam de sua et omnium aliorum secum” *Prosl.* XXV, 120, 15 – 17.

¹⁶ Cf. Mt, 22, 37 e Dt. 6,5.

descontinuidade, isto é, uma continuidade da qualidade, pois a alegria divina está em continuidade com as alegrias humanas. Há, porém, uma descontinuidade ontológica, diz Gilbert, pois apenas Deus é a fonte de todos os bens, de um modo absoluto e por si, de modo que nada no mundo criado pode ser comparado a tão grande bem¹⁷. O que vemos aí não é algo inédito no *Proslogion*. Antes, é uma decorrência de um dos princípios fundamentais que sustentam a reflexão construída pelo autor no opúsculo. Anselmo, de fato, após ter mostrado, no início da obra, que Deus é aquilo de que não se pode pensar nada maior¹⁸, vai reconhecer, mais tarde, no décimo-quinto capítulo, que Deus é tão grande a ponto de superar a capacidade humana de pensar.

Ora, o que foi dito a respeito da capacidade humana para pensar a Deus, é análogo ao que ocorre com a capacidade humana para sentir a alegria reservada por Deus aos bem-aventurados. A alegria reservada por Deus aos eleitos plenifica a alegria humana de tal modo que os bens do corpo e da alma são – para usar a expressão utilizada por Paul Gilbert¹⁹ – *transfigurados* e colocados de um modo que não mais correm o *risco de serem perdidos*. Assim como a mente humana não deve se furtrar ao conhecimento da natureza suprema, embora não possa conhecê-la senão até certo ponto, também a antecipação da suprema alegria só pode ser vislumbrada até certo ponto.

O discurso anselmiano, em torno da alegria, prossegue, no capítulo final do *Proslogion*. Como fez no capítulo primeiro da obra, também agora, no último capítulo, Anselmo recorre à prece. Inicialmente, o autor indaga: esta alegria que foi encontrada é aquela mesma alegria de que falou o Filho de Deus encarnado ao dizer “*pedi e recebereis de modo que a vossa alegria seja plena*”²⁰? De fato, Anselmo parece defrontar-se com uma alegria desmedida, precisamente aquela que, como atesta a Escritura²¹, o olho não viu, o ouvido não ouviu e jamais foi penetrada no coração do homem. Prosseguindo, Anselmo identifica um tal estado de beatitude ao amor e ao conhecimento de Deus, uma vez que os bem-aventurados

¹⁷ “La dialectique est de nouveau établie entre une continuité et une discontinuité. Continuité de la qualité, au moins nominale; la joie en Dieu est en continuité avec nos joies humaines. Discontinuité ontologique, car le Bien souverain, lui Seul, l’unique, source de tout autre bien, absolument par soi (cfr. Monologion ch. 3), n’est en rien commensurable avec tout le reste, créé, de nihilo.” Paul Gilbert. *Lê Proslogion de S. Anselme*, pp. 233 – 4.

¹⁸ Cf. *Proslogion* II.

¹⁹ Cf. Paul Gilbert, op cit, p. 234.

²⁰ João 16, 24.

²¹ Cf. I Cor. 2, 9.

que alcancem uma tão grande felicidade, amarão e conhecerão a Deus.

A perspectiva de um tal estado de beatitude faz com que o orante dirija-se a seu Senhor, implorando que possa, um dia, dela desfrutar. Roga, ao mesmo tempo, para que, desde já, consiga avançar em direção a essa felicidade, enquanto não é possível alcançá-la de modo pleno. O que suplica Anselmo é que esta alegria que já é grande, enquanto esperança, possa ser plena quando for alcançada de modo total.

Dessa forma, o *Proslogion* se conclui da mesma forma que começou, isto é, como uma oração. A forma é a mesma, mas a postura do orante difere, fundamentalmente, na oração inicial e na oração final da obra. A prece do capítulo primeiro se constitui, por assim dizer, numa preparação absolutamente necessária para o rigoroso esforço dialético que toma uma forma toda especial no capítulo segundo. A oração do capítulo primeiro mostra um homem afastado de seu Deus, um homem triste, pois que “*perdeu a felicidade para a qual foi criado e encontrou a miséria para a qual certamente não foi feito*”²², um homem marcado indelevelmente pela queda adâmica, a ponto de lamentar profundamente não poder alegrar-se com toda a alegria de sua alma, vendo-se obrigado a gemer com os gemidos de seu coração, um homem que esperava a felicidade e o que encontrou foi a multiplicação de seus suspiros²³. Um homem, enfim, que está encurvado. De fato, diz Anselmo: “*Ó Senhor, encurvado como sou, nem posso ver senão a terra; ergue-me, pois, para que possa fixar com os olhos o alto*”²⁴.

A prece do capítulo final é bem diferente. Não é mais uma preparação, pelo contrário, trata-se do coroamento do trabalho dialético que, agora, abre-se à esperança. As últimas linhas do capítulo derradeiro expressam o desejo de que o homem inteiro – mente, boca, coração, alma, carne, enfim, que todo o ser não deseje outra coisa a não ser perceber a alegria do Senhor que é Uno e Trino, do Senhor que é bendito para sempre. Não se trata mais de um homem infeliz, mas do homem alegre, pois que já desfruta, ainda que parcialmente, de uma grande alegria. O homem feliz de Anselmo não está encurvado, mas reto, posto que só o homem virtuoso, só o homem justo pode vislumbrar da plena felicidade.

²² “Perdidit beatitudinem ad quam factus est, et invenit miseriam propter quam factus non est” Prosl. I, 99, 17 – 18.

²³ “Réquiem quaerebam in secreto meo, et tribulationem et dolorem inveni in intimis meis. Volebam ridere a gáudio mentis meae, et cor rugire a gemitu cordis mei. Sperabatur laetitia, et ecce unde densentur suspiria!” Prosl. I, 99, 11 – 14.

²⁴ “Domine, incurvatus non possum nisi deorum aspicere, erige me ut possim sursum intendere” Prosl. I, 100, 10 – 11.

Não deixa de ser interessante notar como Anselmo, mais tarde, no *De Veritate*, vai identificar a justiça como “a retidão da vontade observada por causa de si mesma²⁵”.

Anselmo quer mostrar que ao homem está reservada uma imensa alegria, uma alegria plena, ainda que ele não possa, desde já, entendê-la suficientemente. Já no *Monologion*²⁶, Anselmo tinha mostrado como o homem foi feito para ser feliz, mas esta felicidade está condicionada ao amor que devota à Essência Suprema e tudo o que isto implica, passando pela observância das virtudes teológicas. É claro, contudo, em Anselmo, que a felicidade decorrente do encontro do homem com Deus não é algo que deva ser esperado apenas para o futuro, ela não está dissociada do presente vivido pelos filhos de Adão. Anselmo mostra como há uma alegria que pode começar agora e está intimamente relacionada com o conhecimento de Deus. O esforço racional, portanto, está ligado a esta alegria vivida aqui.

Anselmo sabe que a felicidade é uma legítima aspiração do homem e que a realização dessa profunda aspiração não pode estar dissociada da busca de Deus. Também para Anselmo, como para Agostinho²⁷, a vida feliz consiste em alegrar-se no criador. Apegar-se a outros bens até pode proporcionar alegria, mas não uma alegria verdadeira.

Uma questão, contudo, se impõe quando se reflete sobre o sentido da alegria na obra de Anselmo: que relação possui este sentimento com o esforço racional tão caro ao autor? Ora, como já se fez referência, Anselmo relaciona a alegria com o conhecimento de Deus. Pois bem, o esforço dialético tão presente no *Monologion*, no *Proslogion* e em todas as obras anselmianas está ligado precisamente a este desejo de conhecer a Deus. Parece-nos que toda a reflexão anselmiana outra coisa não é do que a busca de satisfazer, tanto quanto for possível, este desejo. O conhecimento da essência suprema, ainda que não possa acontecer de modo pleno, não é um tema entre outros no pensamento de Anselmo. Trata-se mesmo do sentido de seu filosofar. Fora dessa perspectiva, seu pensamento não pode ser adequadamente compreendido.

Assim, suas referências à alegria são, de um lado, a manifestação da realização do desejo de conhecer a Deus e desfrutar de seu amor e, de outro, o reconhecimento de que não se trata de uma busca inútil, uma vez que o esforço dialético, a

²⁵ “... iustitiam esse rectitudinem voluntatis servatam propter se” De Veritate XII, 196, 19 – 20.

²⁶ Cf. *Monologion* capítulos LXIX e LXX.

²⁷ Cf. Agostinho. Confissões X, 22.

argumentação, construída em sólidas bases dialéticas, pode proporcionar um conhecimento seguro, ainda que limitado, do objeto tão desejado. Num contexto em que a utilização da argumentação racional para tratar das questões divinas, não deixava, vez por outra, de ser objeto de polêmica – basta lembrar Lanfranco e Berengário, bem como os receios de Pedro Damiano em torno da dialética – Anselmo mostra que a razão humana, quando retamente direcionada à verdade, é capaz de proporcionar ao homem uma autêntica alegria. Este sentimento tão intimamente ligado à felicidade, entende Anselmo, pode ser vivido pelo homem que, virtuosamente, entrega-se à busca sincera da verdade. Não só o fim da busca, mas ela mesma é fonte de verdadeira alegria.

Digamos, para concluir, que os capítulos finais do *Proslogion* são uma manifestação da alegria por constituírem um triunfo da esperança. No capítulo XIV, um capítulo central do opúsculo, o autor dirigindo-se à alma, perguntava-lhe se, de fato, havia encontrado aquilo que procurava: “*Ó minha alma, encontraste o que procuravas?*”²⁸ O questionamento justificava-se pelo fato de que não sentia a presença do objeto tão fortemente buscado. A explicação para a dúvida e o sentimento é iniciada neste capítulo e é complementada no próximo, onde clarifica-se a idéia de que Deus não é somente aquilo de que não é possível pensar nada maior, mas é, igualmente, algo que supera a própria capacidade humana de pensa-lo²⁹. Pois bem, os capítulos finais da obra são como que uma resposta a todo o procedimento dialético que conduziu a reflexão. Anselmo mostra com suas considerações sobre a alegria que o esforço da razão é válido e é fonte de autêntica alegria, mesmo se os resultados obtidos não são mais do que um “entrevêr” a verdade. Não é pouco, já que o autor ressaltara no capítulo XVI, que a impossibilidade de ver o sol diretamente não impede que se possa sentir a sua luz³⁰.

²⁸ “An invenisti, anima mea, quod quaerebas?” Prosl. XIV, 111, 8.

²⁹ Cf. Prosl. XV, 112, 14 – 15.

³⁰ Cf. Prosl. XVI.

Abstract: Anselm concludes in his work a reflection in which he tries, through the logical connection of reason, to make known the causes of the things which he believes in and loves too, by using the most accurate dialectic discussion. Not seldom in his work, does he offer small “argumentative pauses” to the reader, in which he doesn’t hide that the fruit of his effort results in a genuine joy. In Monologion VI, 19, 15 – 20, for example, on verifying the conformity of the object of faith with the dialectic rigour, Anselm expresses his rejoicing by the results which he has got and joy in an incentive for proceeding in the effort “sola ratione”. In the Proemium of Proslogion (93, 20 – 94, 2), the author declares that he decided to write the results found, in order to give the random readers joy. One cannot forget that the Proslogion, specially his “unique argument”, provides him with a feeling of great euphoria according to what he himself affirms (cf. Proemium 93, 16 – 19). Such a feeling is, equally, attested by Eadmero, Anselm’s biographer, when he refers to the great difficulties which the author faced in search for the “unique argument” and, finally, the delight granted by the encounter (cf. Vita Sancti Anselmi I, 19). Our study aims to see more clearly this relation between argumentation rigour and joy, which are present in the anselmiano thought.

Key Words: Anselm; Proslogion; joy

Bibliografia

L’OEUVRE DE S. ANSELME DE CANTERBURY – sous la direction de Michel Corbin. Paris: Cerf, 1986ss.

ANSELMO. Monologio. Proslogio. A Verdade. O Gramático in Coleção Os Pensadores vl. VII. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ANSELMO. Proslogion – a cura di Ítalo Sciuto. Milano: Rusconi Libri, 1996.

CATTIN, Yves. La Preuve de Dieu – Introduction à la lecture du Proslogion de Anselme de Canterbury. Paris: Vrin, 1986.

GILBERT, Paul. Le Proslogion de S. Anselme – silence de Dieu et joie de l’homme. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1990.